

ISSN 176-0794

# INTERGEO

Interações no Espaço Geográfico

1

Interações no Espaço Geográfico

INTERGEO



Artigo científico:  
Terena-MT –  
da expropriação à periferia  
da cidade. p. 111-131

SEPARATA  
DIGITALIZADA

Acesso **GRATIS**



1

Revista do Departamento de Geografia  
Rondonópolis - 2001

Ed<sup>UFMT</sup>

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**

Av. Fernando Corrêa da Costa, s/n.º Campus Universitário – Coxipó da Ponte  
CEP 78060-900 – Cuiabá – MT  
Tel.: (0\*\*65) 615-8322, Fax (0\*\*65) 615-8325

**ENDEREÇO**

Revista INTERGEO – Interações no Espaço Geográfico  
Departamento de Geografia – Instituto de Ciências Exatas e Naturais  
Campus Universitário de Rondonópolis  
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso  
Rod. Rondonópolis/Guiratinga Km 06  
CEP: 78735-901 – Rondonópolis – MT  
Fone: (0XX66) 410-4020, 410-4021, 410-4022 FAX 410-4010  
E-mail: dmsette@terra.com.br

**FICHA CATALOGRÁFICA / BIBLIOTECA CENTRAL**

Revista INTERGEO – Interações no Espaço Geográfico / Departamento de Geografia [do] Instituto de Ciências Exatas e Naturais – Campus Universitário de Rondonópolis [da] Universidade Federal de Mato Grosso. – ano 1, n.º 1 (2001). Cuiabá: Editora Universitária, 2001.

200p.

V. 1; 21,5 cm

Anual

ISSN: 176-0794

**Capa**

Denise Maria Sette  
José Vieira Neto

**Editoração Eletrônica**

Everaldo Pereira Lacerda  
Ledinei Gonçalo de Campos

**IMPRESSÃO:** Gráfica Universitária/UFMT

Gerente: Pedro Brites Filho

## SUMÁRIO

<b>EDITORIAL</b> .....	5
<b>CLIMA E AMBIENTE URBANO TROPICAL: O CASO DE RONDONÓPOLIS – MT</b> .....	7
<i>Denise Maria Sette e José Roberto Tarifa</i>	
<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE IMIGRAÇÃO E EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA DA REGIÃO CENTRO-OESTE E MATO GROSSO (1940-80) E SUAS REPERCUSSÕES GEOGRÁFICAS</b> .....	35
<i>Jeater Waldemar Maciel Correa Santos</i>	
<b>OS TRABALHADORES RURAIS DA RODOVIA BR-364, RONDONÓPOLIS À SERRA DA PETROVINA-MT</b> .....	65
<i>Leida Maria de Souza Lima e José Vieira Neto</i>	
<b>A VIOLÊNCIA NA CIDADE DE RONDONÓPOLIS</b> .....	87
<i>José Vieira Neto</i>	
<b>TERENA DE MATO GROSSO - DA EXPROPRIAÇÃO À PERIFERIA DA CIDADE</b> .....	111
<i>Paulo Augusto Mário Isaac</i>	
<b>DO URBANO AO RURAL – A TRAJETÓRIA INVERSA</b> .....	133
<i>Dimas Moraes Peixinho</i>	
<b>PAISAGENS E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL NO “AGRIBUSINESS” BRASILEIRO: A BACIA DO RIBEIRÃO PONTE DE PEDRA, MATO GROSSO, BRASIL</b> .....	157
<i>José Adolfo Iriam Sturza</i>	
<b>URBANIZAÇÃO NA BACIA DO RIO GRANDE, REPRESA BILLINGS, SP: ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO RIBEIRINHA COM A UTILIZAÇÃO DE UM SIG.</b> .....	181
<i>William Gomes Gripp</i>	
<i>Woodrow Nelson Lopes Roma</i>	
<i>Antônio Néelson Rodrigues da Silva</i>	
<b>RESENHA</b> .....	195
<i>Sérgio Sebastião Negri</i>	
<b>CRITÉRIOS PARA PUBLICAÇÃO</b> .....	199

## TERENA DE MATO GROSSO - DA EXPROPRIAÇÃO À PERIFERIA DA CIDADE<sup>1</sup>

Paulo Augusto Mário Isaac<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo é uma reflexão antropológica acerca da situação histórica e social de um grupo de índios Terena que viveu no contexto urbano, em Rondonópolis - Mato Grosso, Estado para onde o Grupo migrou em 1982 devido a um processo de expropriação de suas terras.

Sofrendo humilhações, sendo rejeitados pelos indigenistas da FUNAI, que contestavam sua identidade étnica, e vivendo em condições de habitação, saúde e alimentação precárias, em 1998 os índios resolveram mudar suas estratégias de luta e reivindicar um lugar na sociedade. Um lugar social e físico.

Necessitando de uma fundamentação antropológica para se contrapor à argumentação da FUNAI, os índios solicitaram-me um estudo sobre o assunto; por isso, os objetivos deste trabalho são: a) demonstrar o equívoco da concepção que nega a identidade étnica do Grupo e b) fazer uma reflexão sobre a situação histórica do povo Terena de Mato Grosso.

O estudo foi feito *in loco* e o texto foi escrito levando-se em conta os relatos, impressões e o processo de luta dos próprios índios.

Este trabalho demonstra como os Terena são obrigados a reconstruir e redimensionar permanentemente suas estratégias de sobrevivência e afirmar sua identidade étnica, para posicionar em novas e estranhas fronteiras geográficas e simbólicas do mundo exterior ao seu Grupo.

**Palavras-chave:** Identidade Étnica, Terena, 3.Expropriação, Periferia Urbana.

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão do documento que integrou o dossiê entregue pelas lideranças Terena de Mato Grosso ao então presidente da FUNAI, Sr. Sullivan Silvestre de Oliveira, no dia 20/05/98. Os Terena de Mato Grosso foram a Brasília reivindicar uma área de terras para um grupo de sessenta índios que viviam na periferia de Rondonópolis.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de História da UFMT; Mestre em Educação Pública pelo IE/UFMT; Doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP.

## RESUMÉN

Este artículo es una reflexión antropológica acerca de la situación histórica y social de uno grupo de indios Terena que habitan en la zona urbana de la ciudad de Rondonópolis – Mato Grosso – Brasil, provincia para onde el Grupo migró en 1982 a causa de un proceso de expropiación de sus posesiones.

Sufriendo humillación y rechazo por los funcionarios de la FUNAI – Fundação Nacional do Índio – que refutaban su identidad étnica y viviendo en condiciones de habitación, salud y alimentación precarias, en 1998 los indios resolvieron cambiar sus estrategias de lucha y reivindicar uno lugar en la sociedad. Uno lugar social y físico.

Necesitando de una fundamentación antropológica para oponerse a la argumentación de la FUNAI, los indios solicitaron nuestra cooperación. De ahí que los objetivos de este trabajo son: 1- demostrar el equívoco de la concepción que nega la identidad étnica al Grupo; b) hacer una reflexión acerca de la situación histórica de la sociedad Terena matogrossense.

El estudio fue hecho *in loco* y lo texto fue escrito en consideración a los relatos, ipiniones y proceso de lucha de los propios indios.

Este trabajo demuestra como los Terena son obligados a reconstruir y redimensionar siempre sus estrategias de sobrevivencia y afirmar su identidad étnica, para ubicarse en nuevas y extrañas fronteras geográficas y simbólicas del mundo exterior a su grupo étnico.

**Palabras-llave:** Identidad Etnica, Terena, Expropiación, Periferia Urbana.

## INTRODUÇÃO

Procurou-se, neste trabalho, fazer uma caracterização sucinta, um breve histórico do período de 1982 a abril de 1998 e algumas reflexões acerca da trajetória de um grupo de índios Terena que vivia no contexto urbano, na cidade de Rondonópolis<sup>3</sup> - Mato Grosso.

---

<sup>3</sup>Município localizado no paralelo 16, sul do Estado, tem um clima tropical, ecossistema cerrado, possui uma área de 8.783 km<sup>2</sup> e a população, no ano de 1998, segundo o IBGE, era de 142.524 pessoas.

Esse grupo Terena, constituído de 61 pessoas, vivia na periferia da cidade e sua visibilidade para a população de todo o Estado tornou-se maior a partir do momento em que começou a lutar por uma Área Indígena própria para desenvolver a agricultura e a cultura.

No processo de luta, indigenistas da FUNAI alegaram que suas reivindicações não tinham fundamento antropológico afirmando serem os Terena *desaldeados, destribalizados* e suas *terras tradicionais* não serem em Mato Grosso.

O objetivo deste trabalho é demonstrar o equívoco de tal concepção e fazer uma reflexão sobre a situação histórica, cujo processo de dominação e expropriação levou esse grupo de Terena a romper as fronteiras delimitadas pela sociedade abrangente.

A referência teórico-metodológica deste artigo baseou-se na noção de *situação histórica* cunhada por João Pacheco de Oliveira Filho, nas concepções de *fronteira* de Otávio Guilherme Velho, *cultura* de Clifford Geertz e *identidade* de Barth.

Para descrever o processo histórico que culminou com a situação atual dos Terena, utilizou-se de depoimentos dos próprios índios, colhidos individualmente ou em reuniões do grupo, e de observações feitas no embate diário da sua luta.

Este trabalho, dado suas características, procurou abordar apenas as questões relacionadas às concepções de identidade étnica e formação histórica do grupo Terena de Mato Grosso. Isto porque tais abordagens interessam ao Grupo que precisa de uma fundamentação antropológica para respaldar sua luta pela terra.

Este artigo procurou ser fiel à sua proposição, assim sistematizada pelo principal líder Terena do Mato Grosso, Milton Turi Rondon, 43 anos:

*Ele é para melhor esclarecimento dos indigenistas a respeito dos direitos indígenas Terena. Para eles entenderem o nosso sofrimento nessa década final do milênio, porque os nossos direitos e nossas vidas não podem ser prejudicados por determinações burocráticas.*

## CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO TERENA DE MATO GROSSO

A maioria dos Terena que vivia no Mato Grosso, em 1998, era originária da Área Indígena Buriti, localizada no município de Dois Irmãos - Mato Grosso do Sul.

Em 1982, depois de uma breve passagem por uma Área Indígena localizada na cidade de Sidrolândia (MS), o grupo indígena Terena (composto de 18 pessoas) foi instalado na Área Indígena Tadarimana<sup>4</sup>, no município de Rondonópolis, onde passou a morar e praticar a agricultura em terras indígenas do povo Bororo.

Em 1984, outro grupo de quatro famílias Terena deslocou-se para Tadarimana. As famílias Terena trabalharam naquela Área Indígena Bororo até o ano de 1988 e moraram lá até 1990, quando se mudaram para a periferia da cidade de Rondonópolis.

Em 22 de abril de 1998 os Terena de Mato Grosso totalizavam dezesseis famílias (sessenta e uma pessoas), conforme quadro abaixo:

Quadro I - População Terena de MT por faixa etária e sexo

FAIXA ETÁRIA	MASCULINO	FEMININO	NÚMERO DE PESSOAS
De 00 a 06 anos	08	01	09
De 07 a 14 anos	05	04	09
De 15 a 18 anos	07	05	12
De 19 a 25 anos	04	07	11
De 26 a 45 anos	06	04	10
De 46 a 60 anos	01	04	05
De 61 a 80 anos	04	01	05
<b>TOTAL</b>	<b>35</b>	<b>26</b>	<b>61</b>

FONTE: Levantamento feito pelo próprio autor, em 22 de abril de 1998.

O citado grupo Terena não é formado exclusivamente por pessoas dessa etnia. Há nele índios Guarany, Tapirapé, Cinta Larga, Kayabi e Bororo que se casaram com Terena. Todos falam a língua, vivem de

<sup>4</sup>Área Indígena dos índios Bororo, com 9.785 ha. e uma população de aproximadamente 200 pessoas dessa etnia. Possui uma Aldeia Central e quatro aglomerados de famílias. Localizada à margem esquerda do rio Vermelho, é servida, também, pelos seus afluentes rio Tadarimana e rio Jorigue.

acordo com as normas e organização sociocultural Terena e lutam pelos mesmos objetivos.

Essa diversidade de pessoas de outras etnias não descaracteriza o Grupo enquanto povo indígena Terena porque, ao se juntarem nessa etnia, assumiram a sua identidade.

Considerando a noção de identidade, na perspectiva analítica de Barth<sup>5</sup> em que a identidade étnica de uma sociedade indígena é um fator político fundamental e, exclusivamente, função da auto-identificação e da identificação pelos outros, pode-se considerar que todos os seus membros pertencem à sociedade indígena Terena, pois se reconhecem e são reconhecidos como tal.

A formação dessa sociedade é, pois, uma constituição histórica e a sua interação com outros grupos não pode ser considerada fator de desintegração sociocultural. A origem desse Grupo, que foi obrigado pelas condições históricas a sair do Mato Grosso do Sul, é resultado de um processo de dominação/subordinação secular no qual os Terena vêm sendo expropriados de suas terras. Apesar disso eles não são sujeitos passivos, ao contrário, são sujeitos históricos que se articulam com diversos campos de relações, redimensionam sua maneira de ser e estar no mundo com autonomia, têm suas estratégias e intenções pessoais, faccionais e institucionais e procuram posicionar-se em vantagem na correlação de forças e no jogo de poder estabelecidos.

Portanto, para compreender teoricamente a realidade dos Terena de Mato Grosso faz-se necessário considerar a noção de situação histórica proposta por João Pacheco de Oliveira Filho<sup>6</sup>, em contraposição à concepção integracionista de alguns indigenistas, antropólogos e do Estado que têm caracterizado os Terena como índios totalmente integrados.

---

<sup>5</sup> Ver: BARTH, 1976.

<sup>6</sup> Ver: OLIVEIRA FILHO, 1988. Sobre a noção de situação histórica diz Isaac: essa noção permite abordar a questão do contato interétnico como uma situação, isto é, um conjunto de relações entre atores sociais vinculados a diferentes grupos étnicos e da sociedade abrangente. A unidade desta situação deve ser buscada no processo concreto de interação social e nas percepções que dele têm os diferentes grupos (étnicos e da sociedade abrangente) envolvidos, cujas relações políticas se travam em campos de relações relativamente autônomos e interdependentes (1997 : 25-26).

Equivocadamente esses agentes institucionais, assim como o senso comum, desconsideram que, ao se articularem com os diversos campos sociais<sup>7</sup>, os Terena, ao invés de perder cultura, ampliam seus conhecimentos e suas experiências históricas.

A tese dos integracionistas de que os índios que vivem em contexto urbano são desaldeados e destribalizados, colocando em dúvida sua identidade étnica, é uma argumentação falsa com a intenção de negar-lhes os seus direitos fundamentais. Utilizando-se da argumentação perversa de que os índios perderam a sua cultura, tentam ocultar a situação histórica por eles vivida e, ainda, livram-se das obrigações legais a que os Terena têm direito.

Eles enfrentam uma situação de não reconhecimento de sua identidade étnica e de desamparo institucional. Entretanto reagem tentando mostrar à sociedade abrangente seus traços culturais étnicos identificáveis, sendo que o mais visível é a utilização da língua materna.

Mediante esse contexto, a partir de 1990, quando foram obrigados a mudar-se para o Parque São Jorge, periferia de Rondonópolis, os Terena começaram uma nova experiência que os levou, no final de 1997, a redimensionar suas estratégias e suas relações internas e de contato:

- *no campo institucional* - lutar por um espaço físico próprio
- *no campo das relações interétnicas* - afirmar sua identidade étnica
- *no campo das relações sócio-econômicas* - garantir sua sobrevivência como povo e como pessoas. Como disse Milton Turi Rondon: "Os Terena de Mato Grosso querem terra para o nosso povo desenvolver a agricultura e a nossa cultura indígena."

---

<sup>7</sup> Termo utilizado na perspectiva de OLIVEIRA FILHO, 1988. Segundo ISAAC, para Oliveira Filho o campo social é composto por um conjunto de atores e forças sociais, relativamente autônomo e com diferentes padrões de interdependência. Tais forças (agências e agentes de contato individuais ou institucionais) têm capacidade de produzir uma ordem política, de organizar valores, de redefinir políticas e práticas institucionais, etc. (1997 : 28).

## **BREVE HISTÓRICO DO GRUPO INDÍGENA TERENA DE MATO GROSSO**

Os primeiros Terena dirigiram-se para o Mato Grosso no final do século XIX, levados por militares com o objetivo de "pacificar" os índios da região.

Pela facilidade que os Terena têm de se articular com a sociedade abrangente e com outras etnias e por praticarem a agricultura, que faz parte do ideário da sociedade capitalista, esses índios foram deslocados para várias regiões do país, com o objetivo de auxiliar os agentes do Estado na *integração* de outros povos à chamada *sociedade nacional*.

Apesar dessa mobilidade, são consideradas *terras tradicionais* do povo Terena áreas localizadas no Mato Grosso do Sul, onde foram demarcadas Reservas Indígenas para eles muito aquém às suas necessidades.

Os Terena foram submetidos a uma brutal expropriação de suas terras, sobretudo a partir de 1938 com a "Marcha para o Oeste", política instituída durante o governo de Getúlio Vargas.

Em função dessa expropriação, da ideologia da aculturação, que tentou negar a centenas de Terena o direito à própria identidade indígena, e da impossibilidade desse povo desenvolver-se físico, cultural e economicamente em áreas indígenas tão reduzidas, é que um grupo saiu do Estado de Mato Grosso do Sul e migrou para o Mato Grosso.

## **EXPROPRIAÇÃO E SUPERPOPULAÇÃO EM MATO GROSSO DO SUL**

Segundo os Terena de Mato Grosso, o que motivou sua saída do grupo da Reserva Indígena Buriti foi a superpopulação da Área, ou seja, cerca de quinhentas famílias habitando 2.900 ha. Para se ter uma idéia do crescimento e da concentração populacional Terena nessa área, em 1998 (dezesseis anos após a saída do Grupo) a população havia aumentado para aproximadamente oitocentas famílias (duas mil e quinhentas pessoas).

No início da década de 1980, em função de problemas ocasionados pelo crescimento populacional na Área e na tentativa de

evitar a entrada de novas famílias, a FUNAI fez uma divisão de lotes para os que lá estavam instalados. O resultado foi decepcionante para o órgão do Estado.

A esse respeito fala o líder Severino Martins:

*Outra medida da FUNAI, na época, foi retirar cerca de quinze famílias excedentes, colocando-as em uma Área Indígena de apenas 7 ha., localizada no município de Sidrolândia. Hoje essa Reserva de Sidrolândia transformou-se num bairro da cidade, com o nome de Tereré, onde os Terena vivem em casas muito próximas umas das outras, não havendo espaço para qualquer tipo de plantação.*

Hélio Turi Rondon completa a informação dizendo:

*Essa Área de 7 ha em Sidrolândia (MS) não era pra índio morar. O SPI<sup>8</sup>, que tinha antes da FUNAI<sup>9</sup>, requisitou essa Área para ser um lugar para os Terena colocar cavalo para pastar, quando nós íamos na cidade. Mas, depois, muita gente nossa foi morar lá, porque não cabia mais gente nas Aldeias Terena de Mato Grosso do Sul. Hoje, essa Área de Sidrolândia transformou-se num bairro só de índios e a Área de Buriti tem cinco vezes mais gente que em 1980”*

O fato é que o crescimento populacional dos Terena vem se desenvolvendo ao mesmo tempo em que suas terras são invadidas por não índios, sem qualquer providência do Estado. Segundo dados do Departamento de Identificação e Delimitação de Terras Indígenas da própria FUNAI, existem nove Áreas Indígenas Terena em Mato Grosso do Sul, todas apresentam problemas de invasão por não-índios e superpopulação. Além disso, há grupos Terena residindo em terras indígenas de outras etnias, tais como os Guarany, nos estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo.

---

<sup>8</sup> S.P.I.F.T.N. – Sigla do Serviço de Proteção aos Índios e Formação de Trabalhadores Nacionais, órgão responsável pela integração dos índios à sociedade nacional, fundado em 1910 pelo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.

<sup>9</sup> FUNAI – Sigla da Fundação Nacional do Índio, órgão do governo federal, ligado ao Ministério da Justiça e que substituiu o antigo S.P.I.F.T.N., no ano de 1967.

Como se vê, a imigração para o Mato Grosso não é um fato isolado. Faz parte de um processo de expropriação que atinge inexoravelmente essa etnia, sem que o Estado brasileiro se digne cumprir suas obrigações constitucionais<sup>10</sup>.

### **TERENA EM MATO GROSSO: "ESTRANGEIROS" EM TERRITÓRIO BORORO**

Em 1982, após uma estada de duas semanas na capital mato-grossense, a FUNAI levou as quatro famílias Terena para uma localidade denominada Pobore (A. I. Bororo de Tadarimana), à margem do rio Vermelho, próxima de um bairro rural conhecido como Gleba Dom Bosco, no município de Rondonópolis.

Em 1984 chegou a Tadarimana outro grupo de Terena, que se juntou aos seus parentes na prática da agricultura e da pesca. Eles permaneceram nesse local até 1988, quando os Bororo exigiram sua retirada.

Para Milton Turi Rondon:

*O que desencadeou a revolta dos Bororo, segundo alegação deles, foi a chegada, no ano de 1988, de mais quatro famílias à Área. Isso provocou medo, nos Bororo, de perder suas terras para o nosso povo que vinha em número cada vez maior para suas terras. Nós sabemos que esse medo foi incutido neles. Além disso, nos seis anos de convivência entre Terena e Bororo, não houve uma integração cultural entre os dois povos e a relação reduzia-se à questão econômica.*

*A radicalização dos Bororo, que no dia 26 de agosto de 1988 exigiram a nossa saída da Área em 24 horas, foi denunciada pelas nossas lideranças em documento enviado à Superintendência da FUNAI de Cuiabá como sendo uma ação influenciada por indigenistas da FUNAI e de missões religiosas católicas que*

---

<sup>10</sup> Artigo 231, da Constituição Federal: *São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. § 4.º - As terras de que trata este artigo são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis.*

*atuavam junto aos Bororo. Prova disso é que, quando fizemos uma reunião com a Comunidade Bororo e pedimos para ficar na Área até acharmos outro lugar para morar, o cacique deles, na época Eduardo Koge, disse que não tinha problema, que nós podíamos ficar lá até quando fosse necessário, conforme ata da reunião do dia 23 de agosto de 1988.*

*Mas, fomos impedidos, pela FUNAI, de continuar plantando nossas roças na terra Bororo.*

Apesar de terem autorização para continuar morando na Área até a FUNAI resolver o seu problema, alguns Terena ficaram revoltados, pois tiveram que abandonar as suas roças e perderam parte de sua produção com a invasão do gado nas plantações de algodão, arroz, mandioca, abóbora, feijão de corda e abacaxi.

Pedrinho Terena, um índio que foi para Tadarimana proveniente da Aldeia de Limão Verde, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, na época teria desabafado contra essa decisão através de um protesto feito aos Terena mais velhos e a funcionários da FUNAI:

*Nós não podemos ficar na Área, mas eles podem aceitar branco trabalhando nas terras deles, arrendando terras deles, brancos plantando lá dentro. Eles derrubaram dez alqueires de mato e colocaram dez brancos lá dentro, arrendando um alqueire para cada branco.*

*A FUNAI exige a nossa saída, mas ela e os missionários que encheram a cabeça dos índios para nos tirar de lá não ligam que brancos arrendem terra dos Bororo. Eles não vêem isso como ameaça às terras indígenas Bororo, só nós somos ameaça.*

*Eles são contra nós porque somos índios de outro lugar e também porque a maioria de nós é protestante. Tem tudo esse preconceito aí.*

Portanto, questões de diferenças sócio-culturais, de ocupação tradicional de terras indígenas e de relações de contato criaram as condições para que os Terena fossem obrigados a desocupar a A.I. Tadarimana.

Apesar dos conflitos acima expostos, Milton Turi Rondon faz uma análise que extrapola o nível situacional:

*Sempre fomos bem tratados pelos índios Bororo, mas considerados como estrangeiros. Na medida em que foi aumentando a nossa população, a convivência entre nós foi ficando difícil, pois isso é uma questão lógica: há um limite espacial que cada povo precisa para sua sobrevivência e a terra indígena não é apenas um território físico, mas também simbólico.*

Entre 1988 e 1990, os Terena continuaram morando na Área Indígena Tadarimana, mas foram trabalhar na Fazenda Velha, uma faixa de terra contínua à Tadarimana, formando um bico na confluência dos rios Jorigue e Vermelho.

A esse respeito diz Milton:

*Havia um grupo de sem-terra que queria invadir a Fazenda Velha. Para proteger suas terras o fazendeiro nos arrendou aquele pedaço que forma um bico, em Tadarimana, mas é terra particular.*

*Trabalhamos lá até vencer o nosso contrato.*

Na Fazenda Velha, durante dois anos, os Terena cultivaram roças de algodão, milho, feijão, melancia e arroz, enquanto formavam pasto para o fazendeiro. Quando concluíram a preparação do solo para a agricultura, substituíram-na, conforme o combinado, por pasto de capim braquiara. Dessa forma, o contrato encerrou e eles foram obrigados a deixar a fazenda. Sem terra para trabalhar e sem lugar para morar, os Terena iniciaram uma nova e dolorosa experiência.

## **DA TERRA DOS OUTROS À PERIFERIA DA CIDADE**

O encerramento do contrato com a Fazenda Velha, em 1990, e a exigência dos Bororo para que deixassem sua Área, provocou a primeira dispersão dos Terena de Mato Grosso.

Um grupo de duas famílias (oito pessoas) que se aparentou com Bororo permaneceu na Área Indígena de Tadarimana, outro grupo de duas famílias (oito pessoas) voltou para Campo Grande, onde ficou aguardando uma solução para a sua situação e, um terceiro grupo de quatro famílias (quinze pessoas) mudou-se para a periferia da cidade de Rondonópolis.

As famílias que decidiram viver no contexto urbano ocuparam um terreno da Prefeitura em um bairro denominado Parque São Jorge, onde armaram barracos de lona e de palha.

Entre 1990 e 1998 os Terena passaram a dedicar-se basicamente à pesca. Alguns homens foram trabalhar como empreiteiros em fazendas da região, na limpa, na colheita de algodão e na lavoura de cana de açúcar para uma Usina, no município de Sonora (MS)<sup>11</sup>.

A situação de penúria exigiu que as mulheres também trabalhassem fora de casa. Algumas se empregaram como domésticas, uma conseguiu um emprego como coletora em uma empresa pública de economia mista e outras passaram a desenvolver serviços esporádicos.

Esse período foi marcado por muitos conflitos com os órgãos ambientais que tentavam coibir a pesca, sobretudo no período da piracema. Tais conflitos levaram os índios a acirrar a luta junto à FUNAI reivindicando uma Área Indígena Terena para o desenvolvimento da agricultura. Através de vários documentos os índios reivindicaram dos administradores regionais da FUNAI essa providência.

A cada ano a pressão dos órgãos ambientalistas foi aumentando até que, em 1997, numa ação conjunta de órgãos ambientalistas governamentais e não governamentais, a fiscalização tornou-se mais rigorosa. Isso levou os Terena a reivindicar com mais frequência e contundência uma área porque a situação social do povo agravou-se, gerando fome e miséria absoluta.

O aumento da crise social dos Terena levou à necessidade de uma assistência maior por parte do Núcleo Regional da FUNAI, sobretudo no que diz respeito à saúde e alimentação. Em resposta às reivindicações dos índios, os administradores regionais do órgão reafirmaram sua antiga posição de não reconhecimento dos Terena como sendo povo indígena.

Conforme depoimento de Milton Turi Rondon:

*Eles alegam que somos destribalizados e que não somos tradicionalmente dessa região. Alegam que nossas reivindicações não têm fundamento antropológico. Argumentam que não*

---

<sup>11</sup> Cerca de cem quilômetros distante de Rondonópolis.

*podemos ser cadastrados para receber cestas básicas da CONAB porque somos da região do Mato Grosso do Sul. Quanto à saúde, dizem que os recursos que vêm para cá são apenas para os Bororo e que nossos índios não têm direito na FUNAI aqui.*

A recusa da FUNAI em lhes dar assistência, a impossibilidade de exercer a pesca comercial, o desemprego dos que trabalhavam em fazendas, o aumento da incidência de doenças, a fome, o preconceito da sociedade local quanto aos índios que vivem em contexto urbano, colocando em dúvida sua identidade indígena, e a falta de perspectivas para o futuro são alguns elementos que levaram os Terena a redimensionar sua estratégia política nas relações de contato. Uma das medidas visando a sua organização, obedecendo o modelo da sociedade abrangente, foi a formação da *Associação dos Trabalhadores Indígenas Recanto Pontal - Povo Indígena Terena*.

#### **AUTO-AFIRMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DIANTE DA SOCIEDADE DE CONTATO**

A Associação foi fundada com o objetivo de tornar os Terena visíveis à sociedade de contato. Ela foi organizada nos moldes das exigências institucionais para desenvolver ações no sentido de conquistar direitos e fazer a interlocução direta com os órgãos governamentais e não governamentais.

Sua meta principal é a conquista de uma Área Indígena Terena, no município de Rondonópolis, para que o povo possa produzir sua subsistência material e desenvolver suas atividades socioculturais. É necessário que essa área atenda, segundo eles, *as necessidades imediatas e as tendências de crescimento populacional do grupo, a longo prazo*.

Inicialmente os Terena achavam que a Associação poderia ajudá-los no enfrentamento dos órgãos ambientalistas que lhes proibiam pescar na época da piracema.

Esse objetivo imediato do Grupo, entretanto, não surtiu o efeito esperado, pois, segundo Milton Rondon:

No dia 10 de dezembro de 1997 o JUVAM/FEMA/MT<sup>12</sup> apreendeu nossos três freezers, contendo 50 quilos de peixes, que estavam na casa de uma pessoa amiga, porque em nossos barracos não havia energia elétrica. Além da apreensão, aumentou a rigurosidade da fiscalização, o que nos impediu definitivamente de pescar.

Tal situação colocou nossas famílias em situação de desespero. Isso nos levou a perseguir, de forma mais unida, o nosso principal objetivo, ou seja, o de conseguir uma Área Indígena Terena em Mato Grosso. Mas o chefe da FUNAI de Rondonópolis sempre dava a mesma resposta: esse pedido de vocês não tem fundamentação antropológica.

Diante da impossibilidade de resolver o problema no âmbito da FUNAI - Núcleo de Rondonópolis, os índios fizeram uma reunião no dia 05 de março de 1998 e, segundo eles, decidiram radicalizar a luta por uma Área Indígena para o povo.

Porém, antes de imprimirem uma ação mais radical, resolveram procurar o Centro de Direitos Humanos "Simão Bororo" de Rondonópolis (CDHSB) para receber algumas orientações, pois ficaram sabendo que essa entidade já havia auxiliado outros segmentos da sociedade a organizar suas lutas. Desse modo, no dia 06 de março de 1998 um grupo de três líderes Terena foi ao CDHSB e conseguiu que o presidente da entidade, Paulo Augusto Mário Isaac, marcasse uma reunião com a Comunidade para discutir as estratégias de luta.

No dia 08 de março a reunião foi realizada e teve a presença de vinte e nove (29) pessoas Terena e representantes do CDHSB e da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), seus novos aliados.

Diz Eliel Jorge Rondon:

*A partir dessa reunião no barraco do Severino e da Dona Catarina, no Parque São Jorge, passamos a receber uma assessoria política e antropológica desses dois órgãos, através do Professor Paulo.*

---

<sup>12</sup> JUVAM - Juizado Volante Ambiental; FEMA/MT - Fundação Estadual do Meio Ambiente do Estado de Mato Grosso.

*Ficou decidido que, inicialmente, deveríamos empreender nossa luta no campo institucional.*

A partir daí, os Terena elaboraram um documento no qual solicitaram da FUNAI uma reunião com a finalidade de expor as suas reivindicações.

Tal reunião foi realizada em Rondonópolis, no dia 28 de março de 1998, com a presença das seguintes autoridades: Marcos Terena - Coordenador Geral de Defesa dos Direitos Indígenas da FUNAI; Azelene Inácio Kayagang - Presidente da Associação dos Servidores da FUNAI; Idevar Sardinha - Administrador Regional da FUNAI de Cuiabá; Denivaldo Roberto da Rocha - Chefe do Núcleo da FUNAI/Rondonópolis; Paulo Augusto Mário Isaac - professor da Universidade Federal de Mato Grosso e Presidente do Centro de Direitos Humanos Simão Bororo; lideranças indígenas Terena; representantes dos meios de comunicação e toda sociedade Terena de Mato Grosso.

A designação de Marcos Terena para representar a FUNAI provocou euforia no Grupo, pois ele é um índio da mesma etnia. Dona Catarina, a mulher mais velha do grupo, assim se expressou sobre o assunto: *Ah, que bom, ele fala a nossa língua. É parente nosso.*

Os índios foram para a reunião com os corpos pintados, identificando-se com sinais diacríticos da sua cultura e era grande a sua expectativa. Expuseram detalhadamente a situação social vivida pelo Grupo, os problemas de relacionamento com o órgão indigenista e sua principal reivindicação: uma área de terras só para eles.

Segundo Milton Turi Rondon:

*Nessa reunião ficou decidido que a FUNAI se empenharia para a compra de uma área de terra para os Terena e que nós deveríamos apresentar propostas ao órgão indigenista.*

*O Marcos pediu para o Professor Paulo assessorar os índios nesse trabalho. Isso foi importante porque a FUNAI reconheceu os nossos aliados.*

*Ficou decidido, também, que a FUNAI providenciaria uma assistência emergencial para atender principalmente o problema da fome que está afetando o nosso povo.*

Essa foi a primeira reunião institucional dos Terena após a decisão de lutar pela terra. Ela marcou uma nova fase na história do grupo, no que diz respeito às relações de contato: a) eles se afirmaram enquanto etnia; b) foram reconhecidos como povo indígena, pela FUNAI e pela sociedade não índia; c) conseguiram colocar sua situação social na mídia; d) conquistaram o apoio de importantes segmentos sociais, tais como políticos, intelectuais, entidades não-governamentais e instituições religiosas; e) demonstraram, pela primeira vez, sua capacidade de organização e sua força política.

### **A PEREGRINAÇÃO DOS ÍNDIOS SEM TERRA**

Nesta época, a divulgação dos problemas, das lutas e das ações políticas dos Terena, sobretudo pelos meios de comunicação da cidade, resultou no apoio de grande parte da sociedade rondonopolitana à sua causa.

Um fato ilustrativo ocorreu durante uma mesa redonda realizada no auditório do SESC - Serviço Social do Comércio, com a participação de nove entidades e instituições organizadoras<sup>13</sup>, na qual um dos debatedores foi o Milton Turi Rondon, um participante da platéia disse:

*Vocês estão sendo chamados na cidade de índios sem terra. Nós estamos indignados com essa situação. Como esses caras que estão no poder podem dizer que vocês não são do Mato Grosso?*

*Não faz trinta anos que Mato Grosso foi separado de Mato Grosso do Sul. Antes tudo era uma coisa só, era Mato Grosso.*

*Os índios estão lutando por terra para viver. Isso seria uma ironia, se não fosse uma coisa trágica. As nossas autoridades deveriam ter, pelo menos, bom senso.*

Com o apoio da sociedade e a esperança que lhes foi dada por Marcos Terena, o ânimo dos índios aumentou.

---

<sup>13</sup> ARPA - Associação Rondonopolitana de Proteção Ambiental; Associação de Artesãos de Rondonópolis; CDHSB - Centro de Direitos Humanos Simão Bororo de Rondonópolis; CICAF - Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas; E.E.P.S.G. Dom Wunibaldo; FUNAI - Fundação Nacional do Índio; SEMEC - Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Rondonópolis; SESC - Serviço Social do Comércio e UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso.

No dia 30 de março as lideranças Terena foram conversar com o Superintendente Regional do INCRA/MT, Elarmin Miranda, com quem tiveram um encontro informal, em Rondonópolis.

Sobre isso, diz Milton Turi Rondon:

*Ele não pode nos atender direito, porque estava com outras pessoas, lá na Universidade. Mas, eu falei o nosso problema e ele disse que há grandes possibilidades do INCRA destinar uma área para nós, caso o processo seja encaminhado pela FUNAI.*

Após outra tentativa frustrada de falar com o referido Superintendente do INCRA, em Cuiabá, e visando a agilização do processo, os Terena decidiram visitar algumas fazendas em disponibilidade para venda na região de Rondonópolis.

Vejam os depoimentos de Milton Turi Rondon:

*Visitamos várias fazendas, mas uma causou-nos grande impressão porque possui um tamanho compatível com as nossas necessidades imediatas e de longo prazo.*

*Além disso, possui uma área de preservação ambiental com mata natural, lagos, serra, muitos animais silvestres. Ela possui uma grande área para plantio e criação de animais, oito casas já construídas, curral e outras benfeitorias que facilitarão a produção imediata.*

*Nossas lideranças, que visitaram a Fazenda Rio Vermelho, ficaram encantadas.*

*Aumentou a nossa esperança de realizar o nosso sonho de ter um pedaço de terra para os Terena de Mato Grosso.*

A Fazenda Rio Vermelho fica a 80 quilômetros da cidade e localiza-se no próprio município de Rondonópolis. É uma área de 8.391 ha., ou seja, 3.467,50 alqueires de medida paulista.

Considerando o avanço dos trabalhos no sentido de conseguir uma área compatível às necessidades dos Terena, Milton acrescenta:

*Estamos marcando uma audiência com o presidente da FUNAI, Sullivan Silvestre Oliveira, em Brasília, entre os dias quatro e seis*

*de maio, para que possamos concretizar o assentamento dos Terena de Mato Grosso.*

*Contamos com o apoio do Marcos Terena e da Azelene Inácio Kayagang em Brasília. Aqui, o Denivaldo, Chefe do Núcleo da FUNAI tem encaminhado todas as nossas reivindicações. O Sardinha também está se empenhando.*

*Cada vez mais recebemos apoio de toda a sociedade organizada de Rondonópolis. Já estamos sendo reconhecidos, pelos não índios, como índios Terena de Mato Grosso e estamos com uma grande esperança de ter uma terra para nosso povo praticar a agricultura e desenvolver a nossa cultura Terena.*

O que Milton e seus parentes não sabiam é que a luta estava apenas começando. Sua reivindicação mobilizou outros interesses - de fazendeiros e políticos interessados em vender terras inférteis ou localizadas em áreas de litígio. A própria Fazenda Rio Vermelho teria problemas de demarcação por localizar-se em terras tradicionalmente Bororo. Outra fazenda, cujas terras eram inférteis, localizada no município de Pedra Preta, fora oferecida aos Terena pelo Superintendente do INCRA-MT. Segundo informações colhidas na época, tais terras pertenciam a políticos do PMDB, cujo grupo político – do Senador Carlos Bezerra – controlava o INCRA-MT. Não tendo sido aceita pelos índios, o referido órgão retirou-se das discussões, transferindo a solução do problema para a FUNAI.

Nesse processo, os Terena abandonaram a assessoria de profissionais acadêmicos e se aliaram a assessorias políticas locais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A situação histórica em que se encontra os Terena de Mato Grosso não é ocasional. É um processo cuja construção histórica antecede a saída do grupo de Mato Grosso do Sul e não cessa com a futura destinação de uma Área Indígena para eles.

É preciso considerar que os Terena foram expropriados de suas *terras tradicionais* e que avançaram em direção a novas fronteiras<sup>14</sup>. Mas esse não é o único elemento a ser considerado teoricamente.

A situação histórica, que abrange o período que antecedeu a migração do grupo para Mato Grosso e os dezesseis anos (1982-1998) de sua presença no município de Rondonópolis, é um processo de construção das condições objetivas e subjetivas para o reconhecimento dos Terena como sendo, historicamente, da região.

Alguns dados, embora insuficientes, ilustram o processo de fixação do grupo em Rondonópolis:

- A população dessa etnia cresceu 339% em dezesseis anos, contando a vinda de um grupo em 1984 e nascimentos de crianças.
- Aproximadamente 45% da população dos Terena em abril de 1998 nasceu no município de Rondonópolis.
- A sociedade rondonopolitana reconhece-os como índios da cidade e os Terena tomaram a decisão política de se afirmarem como índios de Mato Grosso.

Seria um equívoco, pois, reduzir a questão histórica a uma discussão em torno da localização da área de perambulação desses índios no passado e a conceitos como desaldeamento e destribalização, calcados na concepção evolucionista e na política integracionista do Estado e de outros agentes da sociedade abrangente.

A discussão tem que ser feita levando-se em conta a situação histórica na qual a sociedade Terena articula-se com vários campos sociais nos quais se travam relações.

Nesse contexto, os Terena constróem e redimensionam permanentemente suas estratégias de sobrevivência e sua identidade, posicionam-se de modo a romper as fronteiras geográficas e simbólicas do seu próprio universo e do outro.

---

<sup>14</sup> Sobre a questão fronteira vide: MARTINS, José de Souza. *Expropriação e Violência - A Questão Política no Campo*. 2. Ed. S. Paulo, Ciências Sociais. HUCITEC, 1982. MARTINS, J.S. *Fronteira - a Degradação do Outro nos Confins do Humano*. São Paulo, HUCITEC, 1997. VELHO, Otávio Guilherme. *Capitalismo Autoritário e Campesinato*. 2.ed., Rio de Janeiro, Difel, 1974.

Essa articulação, que se dá no campo das relações interétnicas, não pode ser vista como uma simples integração, mas como uma ampliação de conhecimentos e experiências que permitem aos índios colocar-se no mundo como um povo que tem um modo de ser próprio, uma história particular e autonomia para decidir sobre o seu destino.

Esse *modo de ser* não está desprovido de contradições porque elas são inerentes ao próprio desenvolvimento da vida e da construção das sociedades humanas.

Há fortes indícios de que os Terena de Mato Grosso, ao pensar-se no mundo, não querem fechar-se na discussão do tradicionalismo, porém não descartam a possibilidade de desenvolver sua cultura específica, redimensionada nas relações de contato.

Nessa perspectiva, a terra significa, ao mesmo tempo, um espaço físico e um espaço simbólico para sua sobrevivência enquanto seres humanos e enquanto etnia.

O modo como os Terena se organizam e posicionam-se apontamos que eles vêem o mundo com profundidade e com horizontes abertos, destituídos das fronteiras delimitadas pelos **purutuhe**<sup>15</sup>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Edir Pina. *Frentes de Expansão e Relações Interétnicas*. Cuiabá, Departamento de História/CLCH/UFMT, 1978 (mimeo).

BARTH, Fredrik. *Los Grupos Étnicos y Sus Fronteras: La Organización Social de las Diferencias Culturales (Introducción)*. México. Fondo de Cultura Económica, 1976.

FERREIRA, Mariana K.L. *Da origem dos Homens à Conquista da Escrita: Um Estudo sobre Povos Indígenas e Educação Escolar no Brasil*. São Paulo, Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da U.S.P., 1992.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Ed.Guanabara Koogan, 1989.

---

<sup>15</sup> **Purutuhe** - Denominação dada, pelos Terena, aos não índios

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. 5ª. Ed. Petrópolis, Vozes, 1992.

ISAAC, Paulo A. M. *Educação Escolar Indígena Bóe-Bororo: Alternativa e Resistência em Tadarimana*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa Integrado de Pós-Graduação em Educação da UFMT, 1997.

LAKATOS, E.M. & MARCONI, M.A. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 3.ed. São Paulo, Atlas, 1996.

LAPLANTINE, F. *Aprender Antropologia*. 7. ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

MELATTI, J.C. *Índios do Brasil*. 7.ed. São Paulo - Brasília, Edunb - Hucitec, 1993.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo, Pioneira, 1976.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. *O Nosso Governo - Os Ticuna e o Regime Militar*. São Paulo, MCT/CNPQ/Ed. Marco Zero, 1988.

ORLANDI, E. P. *Terra à Vista - Discurso do Confronto : Velho e Novo Mundo*. São Paulo - Campinas, Cortez - Ed. Unicamp, 1990.

RODRIGUES, Aryon D. *Línguas Brasileiras - Para o conhecimento das Línguas Indígenas*. São Paulo. Loyola, 1994.

SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994.

SANTOS, M. (org.). *O Novo Mapa do Mundo - Fim de Século e Globalização*. 2.Ed. São Paulo, Hucitec/ANPUR, 1994.

TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL. São Paulo, CEDI/PETI, 1990.